



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA APARECIDA DA COSTA PEREIRA FILHA

**SILÊNCIO E MASCARAMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM “OS OLHOS
DOS MORTOS” DE MIA COUTO**

**Catolé do Rocha – PB
2014**

MARIA APARECIDA DA COSTA PEREIRA FILHA

**SILÊNCIO E MASCARAMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM “OS OLHOS
DOS MORTOS” DE MIA COUTO**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

**Catolé do Rocha – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P436s Pereira Filha, Maria Aparecida da Costa
Silêncio e mascaramento da violência doméstica em "os olhos dos mortos" de Mia Couto [manuscrito] : / Maria Aparecida da Costa Pereira Filha. - 2014.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades".

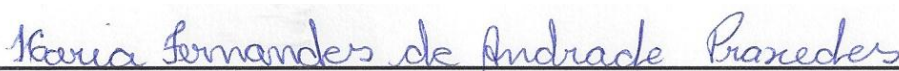
1. Mulher. 2. Violência doméstica. 3. Silêncio. 4.
Mascaramento. I. Título.

21. ed. CDD 362.83

MARIA APARECIDA DA COSTA PEREIRA FILHA

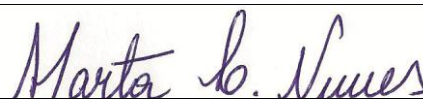
**SILÊNCIO E MASCARAMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM “OS OLHOS
DOS MORTOS” DE MIA COUTO**

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Sc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Orientadora – UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Sc. Marta Lúcia Nunes

Examinadora – UEPB/CAMPUS IV



Profº. Me. Rômulo César de Araújo Lima

Examinador – UEPB/CAMPUS IV

Aprovada em 21 de julho de 2014

Catolé do Rocha – PB

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela sua presença incondicional em minha vida e por ter sido a força maior nas ocasiões mais árduas.

A minha mãe e avó, Maria Almeida, por ter sempre estado ao meu lado em qualquer situação. Obrigada por tudo minha rainha, te amo!

Aos meus amigos e colegas de trabalho, que constantemente me incentivam a nunca desistir e sempre lutar por aquilo que almejo. Obrigada a cada um de vocês. Estarão para sempre em meu coração.

Ao meu amor, que nunca reclamou do meu esgotamento físico e emocional, e se manteve sempre ao meu lado, me encorajando e auxiliando no que fosse necessário. Jamais esquecerei o que fizestes por mim.

Aos meus professores que me transmitiram uma parcela de seus conhecimentos de maneira promissora e positiva.

E por fim, mas não menos importante, a minha orientadora, Professora Maria Fernandes, que com muita paciência e serenidade se dedicou a me oferecer valiosas ideias para a realização desse trabalho. Você foi peça fundamental nessa elaboração. De coração, muito obrigada.

A todos vocês, minha sincera gratidão.

O êxito da vida não se mede pelo caminho que você conquistou, mas sim pelas dificuldades que superou no caminho.

Abrahm Lincoln

RESUMO

Este trabalho, de natureza bibliográfica, tem por objetivo refletir acerca da violência doméstica no conto “Os Olhos dos Mortos” de Mia Couto, atentando para o silêncio e as tentativas de mascaramento presentes na narrativa. Esses procedimentos são formulados pelas atitudes da personagem-narradora que procura justificar sua passividade diante das agressões praticadas pelo marido, uma vez que a mesma se culpa por não poder dar um descendente ao esposo. As teorias que orientam estas reflexões têm em Bachelard (2008), Chauí (1985) e Almeida (1998), as principais referências. A leitura do conto possibilitou uma discussão sobre o papel da mulher diante de uma sociedade machista, onde ainda impera o poder do homem sobre a classe feminina. Nesse sentido, a literatura tem servido de pano de fundo para denunciar a submissão, o medo, a opressão e as agressões físicas sofridas pela mulher. Espera-se, portanto, que estas discussões possam ampliar o debate sobre a violência doméstica, a fim de que a mulher possa ter sua integridade física e moral respeitada e garantida.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Violência doméstica. Silêncio. Mascaramento.

ABSTRACT

This work, of nature bibliographic, is goal reflect about of domestic violence on tale “Os Olhos dos Mortos” of Mia Couto, paying attention for the silence and the attempts of masking present in narrative. Those procedures are formulated by attitudes of character-narrator that search justify its passivity against of assaults practiced by the husband, once the same if guilt by not can give one downward to spouse. The theories that guides these reflections take Bachelard (2008), Chauí (1985) e Almeida (1998), the mains references. The literature of tale enabled a discussion about the paper of woman against a sexist society, where yet reigns the power of man about the class sleeve. In that sense, the literature there is served of backgrounds for denounce the submission, the fear, the oppression and the assaults physics suffered by woman. Expected, therefore, these discussions can enlarge the debate about the domestic violence, so that the woman can have its integrity physic and moral respected and guaranteed.

KEYWORDS: Woman. Domestic violence. Silence. Masking.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 07 |
| 1. MULHER E SOCIEDADE: ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS..... | 08 |
| 2. MIA COUTO E “OS OLHOS DOS MORTOS”..... | 11 |
| 2.1. A violência doméstica: silêncio e mascaramento em “os olhos dos mortos..... | 13 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 21 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 22 |

INTRODUÇÃO

A sociedade propriamente dita comporta, há muitos anos, transtornos no que diz respeito à desigualdade existente entre os indivíduos que a compõem, no caso em questão, entre homens e mulheres. Essa divergência se dá desde os tempos mais remotos, visto que a mulher era submissa ao seu homem e só podia realizar as atividades domésticas e conjugais, já em relação ao seu papel na sociedade, esse estava limitado absolutamente a servir ao marido e às atividades do lar, uma vez que não podia participar de nenhum segmento social, a ela não era dado o direito de opinar, nem muito menos participar do funcionamento da comunidade. Contudo, no decorrer dos anos, a classe feminina, após muitas lutas e reivindicações, começa a ocupar pouco a pouco um lugar na sociedade de forma mais atuante, começando por ter alguns de seus direitos garantidos, introduzindo-se no mercado de trabalho, na política e tendo assim maior visibilidade.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: A primeira parte tece algumas considerações sobre os aspectos históricos e culturais da mulher nas sociedades, atentando para os movimentos que contribuíram na inserção da mulher em alguns segmentos sociais, bem como o papel da literatura como elemento de suporte de denúncia e crítica a essas questões que imperam e disseminam a desigualdade de direito da mulher perante o homem. O segundo tópico apresenta alguns dados característicos do autor Mia Couto e sua produção literária, sobretudo, o conto “Os olhos dos mortos”, cuja narrativa se volta para as questões de submissão, opressão e medo da mulher. O terceiro tópico destaca o silêncio e o mascaramento da violência doméstica sofrida pela personagem que tenta encontrar uma justificativa para sua passividade diante das agressões do marido.

1. MULHER E SOCIEDADE: aspectos históricos e culturais

Desde muito tempo, a classe feminina tem procurado maneiras de ingressar de forma mais efetiva na sociedade, tentando mudar o quadro social que há décadas usurpou o direito à liberdade e participação da mulher nas diversas esferas sociais, colocando-a em posições inferiorizadas em relação aos homens, visto que estes eram responsáveis por tomar as decisões e resolver os problemas que surgissem e, além disso, estavam à frente dos conjuntos de âmbitos institucionais.

Dessa forma, o homem era o detentor da ordem em todas as áreas, sejam elas política, religiosa, econômica ou de qualquer outro âmbito social. Com isso, o papel desenvolvido pela mulher durante muito tempo ficou limitado apenas ao trabalho doméstico, a cuidar dos filhos e do marido.

Ao longo dos séculos XIX e XX, esse quadro se modificou consideravelmente, a mulher passou a ocupar espaço na sociedade e se estabeleceram alguns rumos diferentes em relação aos paradigmas vigentes. Desde então, a classe feminina passou a lutar para ter reconhecimento e participação ativa na sociedade, pretendendo com isso que suas funções não estivessem voltadas apenas para a execução de atividades domésticas como acontecia há algum tempo atrás.

Entretanto, para que se chegasse a essa nova realidade, as mulheres tiveram de enfrentar muitas resistências, tendo como um dos maiores empecilhos o fato de que a própria sociedade não reconhecia esse novo papel da mulher além daquele estabelecido outrora. Mudar a mentalidade de um sistema paternalista e fazer com que compreendesse o jeito de pensar e ser da mulher foi e, ainda, continua sendo um desafio dentro da conjuntura feminina.

Em defesa dos direitos da mulher, foram realizados vários movimentos revolucionários para alcançar o objetivo da liberdade feminina. O surgimento do movimento social, denominado feminismo é considerado o marco inicial de manifesto a favor da solicitação por igualdade entre homens e mulheres. Além disso, tornou-se o alicerce para enfrentar os vários obstáculos que surgissem até que essas conquistassem seu espaço na sociedade.

A primeira conquista ocorreu em 1893, na Nova Zelândia quando foi concedido à classe o direito de participar das eleições através do voto, já no Brasil, esse feito somente foi concedido em 1927, primeiramente no Estado do Rio Grande

do Norte, quando o Deputado Federal Juvenal Lamartine de Faria concedeu amplos poderes às mulheres e garantiu que Celina Guimarães fosse alistada como a primeira eleitora do país. No restante da nação, as mulheres só obtiveram esse feito em 24 de fevereiro de 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, que promulgou essa lei no Código Eleitoral. Esse fato é considerado o marco inicial das conquistas femininas no Brasil, visto que foi o que atribuiu mais força e coragem para que as mulheres brasileiras seguissem em frente com suas ações, a fim de conquistarem a tão desejada inclusão igualitária nos diversos segmentos sociais.

A maior constatação disso é o fato de as mulheres ocuparem cargos que antes eram de direito e dever único e exclusivamente dos homens, a exemplo de cargos no âmbito da política. A melhor comprovação de mudanças em relação a essa questão diz respeito ao fato de hoje termos uma mulher ocupando um cargo político de maior poder entre os entes federados, a presidenta Dilma Rousseff, que ainda conta em sua grade governamental com uma diversidade de outros cargos ocupados por mulheres.

Todavia, vale ressaltar que apesar de ter conquistado um espaço maior na sociedade, ainda há uma distinção relevante entre homens e mulheres no quesito campo de trabalho, sobretudo no que diz respeito à remuneração e funções de ambas as partes. Como constatação desse fato, Arriagada (1994, p. 46) *apud* (CISNE E GURGEL 2008, p. 86) destaca que:

A relação entre os rendimentos médios masculinos e femininos continua sendo desfavorável para as mulheres, já que estas ganham em média de 30 a 40% menos que os homens e o seu aumento em sua participação no mundo do trabalho e tem ocorrido em ocupações mais informais e de menores rendimentos.

Essa ainda é uma realidade vigente na nossa sociedade, embora já tenha melhorado significativamente, pois há um número bem maior de mulheres batalhando e conseguindo reverter essa desigualdade social, embora os dados revelem tamanha desigualdade no rendimento salarial da classe feminina.

Desta feita, os direitos constitucionais ainda não garantem igualdade de condições para os gêneros. Para tentar compreender as diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho, por exemplo, o IBE realizou a PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, de 2007, cujos dados revelam que a equiparação de salários só deve acontecer daqui a 87 anos, para mulheres e

homens que executam as mesmas funções. Lembrando que as mulheres, na maioria das vezes, ganham bem menos do que homens.

Com o advento da evolução da mulher no mercado de trabalho, começa a surgir outro tipo de desrespeito e agressão à mulher, que agora passa a conviver frequentemente com atitudes de violência doméstica em função de ciúmes dos seus parceiros, ou cobranças em relação às atividades domésticas e, em função disso são vítimas de violência física e moral.

As ocorrências em relação a essas atitudes têm mostrado um aumento considerável em comparação a outras épocas. Essa hostilidade parte, quase sempre, dos cônjuges e são praticadas, normalmente, no ambiente familiar e na presença dos filhos. É lamentável que aconteçam essas atitudes que rebaixam a moral feminina e que, por conseguinte afastam ou até mesmo acabam os laços familiares, visto que a mulher é componente fundamental da família e para a sociedade como um todo.

Essa importância da mulher é evidenciada nas palavras de Meszáros (2002) quando destaca que: “[...] são elas, portanto, que estão no cotidiano da assistência social buscando a garantia mínima das condições de sobrevivência de suas famílias”. Dada essa importância da figura feminina para a sociedade, a busca por igualdade de direito entre homens e mulheres precisa avançar mais ainda, sobretudo no que diz respeito a sua integridade física e moral. De acordo com a pesquisa realizada em 2000, pela Comissão on the Status of Women da ONU, os dados revelam que uma em cada três mulheres no mundo inteiro sofreu ou sofre espancamento e violência sexual.

No que tange à realidade do Brasil, os números mais recentes também são alarmantes e assustadores. De acordo com o relatório do Ministério da Justiça de 2012, a cada cinco minutos, uma mulher é agredida no país. Em cerca de 70% dos casos, o agressor é o marido ou namorado.

Como podemos perceber, apesar de existirem as leis que preverem a punição ao agressor, como a Lei 11.340/2006 denominada de Lei Maria da Penha que criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, a realidade revela números absurdos no nosso país.

A respeito desse assunto, a literatura tem servido de pano de fundo para as questões que envolvem a condição da mulher na sociedade, denunciando, muitas vezes, um regime pré-estabelecido no qual a mulher está condicionada. Isso pode

ser constatado, por exemplo, no conto “Os olhos dos mortos” (OODM)¹, inserido na obra *O Fio das Missangas*, de Mia Couto, em que o escritor, testemunha de seu tempo, coloca o leitor diante de narrativas instigantes, cujos dramas se voltam para os marginalizados – são pobres, negros, crianças e, sobretudo, mulheres, que vivem a experiência da violência praticada pelo homem. Essas situações emblemáticas estão situadas principalmente nas décadas 60 e 70, períodos da guerra e pós-guerra em terras africanas, principalmente em Moçambique.

2. MIA COUTO E “OS OLHOS DOS MORTOS”

Sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, dono de um estilo ímpar quando é para falar do povo africano, Mia Couto é hoje um dos maiores representantes da literatura contemporânea moçambicana. Contista e romancista, ele traduz na sua obra as agonias, dores, sonhos e esperança dos marginalizados, sem com isso apelar para a lástima e o clamor, pelo contrário, ele prega a esperança por dias melhores. Autor de inúmeros romances e contos, Couto publicou em 2003, e posteriormente em 2004, o livro *O Fio das Missangas*, no qual está inserido o conto “Os olhos dos mortos”, que será objeto de nossas reflexões.

O conto “Os olhos dos mortos” (OODM), narra a história de uma personagem feminina que era silenciada diante das atrocidades sofridas pelo marido. Subserviente, a mulher aceitava a violência como única saída para justificar a incapacidade de gerar um filho e se colocava como a única culpada por isso. A temática recorrente na narrativa é bastante peculiar, visto que apresenta uma situação visível de sofrimento, tristeza e desprezo vivenciada pela protagonista, cujo nome não é revelado para sinalizar a situação de tantas outras mulheres, iguais a personagem, que sofrem com a violência doméstica. Normalmente, as ofensas sofridas pela personagem eram de natureza moral, mas também ocorriam agressões com extrema violência física.

A vítima sofre a violência dentro do próprio lar, que ao invés de ser um local de paz, amor e companheirismo, é tido como um lugar de pavor e agressão. A ratificação para essa circunstância é exposta no conto quando a personagem afirma que: “Durante anos, porém, os passos do meu marido ecoaram como a mais

¹ Ao longo do texto vamos nos referir ao conto “Os olhos dos mortos” pela sigla (OODM).

sombria ameaça. Eu queria fechar a porta, mas era por pânico” (OODM; p.70). Diante disso, pode-se perceber o temor que a esposa sentia quando o esposo chegava em casa, para ela era o momento de maior sofrimento e preocupação, pois era a ocasião na qual as agressões mais ocorriam.

A relação do casal se tornou a pior possível, entre eles não existia mais o respeito e nenhum vínculo afetivo, e com isso acostumou-se a viver nas piores condições conjugais. Essa situação confirma-se quando a protagonista relata que: “Eu estava no pranto como que sustenta a sua própria raiz. Chorando sem direito a solução; rindo sem acesso a gargalhada. O cão se habitua a comer sobras. Como eu me habituei a restos de vida” (OODM; p.70). Essa ponderação revalida cada vez mais o infortúnio pelo qual a personagem passa na estória, perceptível quando a própria chega a fazer comparações de sua vida com a de um animal, que assim como ela se acostuma com sobras, ou seja, aquilo que restou depois de se retirar o necessário, impossibilitando o direito de escolher e de ter uma vida digna.

A convivência perturbada afasta cada vez mais o casal, e as atitudes do marido fazem com que sua esposa se sinta a pior das pessoas do mundo. Essa questão é evidenciada quando a protagonista expõe que: “Esse vazio de mim, essa poeira de fonte seca, o não poder dar descendência a Venâncio, isso doía mais que perder um filho” (OODM; p.71). Nesse trecho, a mulher se considera um nada, pelo fato de não poder dar posteridade a sua família, para ela isso deixava a relação do casal mais difícil, visto que tanto para o seu marido quanto para a sociedade da época era de suma importância dar continuidade à família.

A casa deveria ser o lugar de proteção, cheia de energia positiva e paz, ou seja, um lugar onde se sintam bem aqueles que a habitam. Refletindo sobre essa questão, Bachelard lembra que:

(...) se nos perguntassem qual o benefício mais precioso de uma casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. Só os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. Ao devaneio pertencem valores que marcam o homem em sua profundidade. O devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização (2008, p. 26)

As sucessivas agressões sofridas pela mulher no espaço da casa se contrapõem ao pensamento do filósofo, visto que há uma desconstrução da ideia do lugar seguro, acolhedor e confortável postulada por Bachelard. Além de notar nesse

argumento a relevância do ambiente familiar, da mesma forma é possível constatar aspectos sobre devaneios, que é também assunto analisado na temática de uma das obras de Bachelard, e que está presente no conto como uma de suas principais características. Sobre esse elemento o ensaísta conceitua que:

O devaneio é uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente. Seguindo a “inclinação do devaneio” – uma inclinação que sempre desce -, a consciência se distende, se dispersa e, por conseguinte, se obscurece. Assim, quando se devaneia, nunca é hora de se “fazer fenomenologia. (2009. P. 5)

A personagem em alguns momentos da estória têm pensamentos utópicos, por exemplo, quando ela descreve que: “nesta mesma cama sonhei tantas vezes que o meu amor vinha pela rua, eu escutava os seus passos, cheia de ânsia. E antes que ele chegasse corria a fechar a porta” (OODM; p.69). Nesse trecho, pode-se verificar que a mulher imaginava uma situação totalmente contrária ao que acontecia, isso com o intuito de fugir da realidade na qual ela se encontrava, ou seja, os devaneios serviam para ela como fuga de todo sofrimento que a angustiava.

2.1 A violência doméstica: silêncio e mascaramento em “Os olhos dos mortos” de Mia Couto

De acordo com Alves (2005), a violência é um fenômeno que tem assumido, por todo o mundo, proporções bastante elevadas e só começou a ser expressamente denunciado a partir das décadas de 60 e 70 pelos movimentos feministas.

O elevado número da violência, sobretudo a doméstica, se configura em um evento que desfruta de uma grande complexidade e é composto por diversos fatores sociais, culturais, psicológicos, ideológicos e, principalmente, econômicos, visto que muitas mulheres se submetem a agressões físicas e morais em virtude da dependência financeira e, em função disso, se subjugam a todo tipo de humilhação e violência.

No conto “Os olhos dos mortos”, de Mia Couto, o drama da personagem feminina gira em torno da violência praticada contra a mulher, onde o companheiro é o agressor. Incapaz de reverter a situação, a personagem narradora vive momentos de conflitos e perturbações psicológicas.

Refletindo sobre a violência doméstica, Alves (2005), aponta os fatores de ordem psicológica e cultural como: perturbação mental; frustração; alcoolismo ou toxicod dependência; problemas financeiros; desemprego; vivências infantis de agressão ou violência parental.

Nesse sentido, pode-se inferir que a violência existe uma razão de ser, se consideramos a assertiva da autora supracitada, visto que ela defende a ideia de que os problemas psicológicos do agressor e a trajetória social exposta à violência, ao longo da vida da criança pode levá-la a se tornar um potencial ator de violência doméstica.

O drama da violência doméstica em “Os olhos dos mortos” é narrado em 1ª pessoa, cuja narradora participa diretamente dos fatos. Isso é confirmado no fragmento em que ela relata: “Eu fechava a porta para que, depois, o simples abrir dos trincos tivesse o brilho de um milagre” (OODM, p.69-70). O perfil desse narrador lembra a teorização de Benjamin acerca do contador de histórias que relata suas próprias experiências, para o teórico “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à sua experiência ao dos seus ouvintes” (1994, p.201).

Ao contar sua própria história a narradora procura persuadir o leitor sobre a veracidade dos fatos, colocando-o no cerne do conflito doméstico, como se estivesse presente, suscitando um clima de terror, suspense e compaixão. Além disso, o conto denuncia a violência praticada contra a mulher, um comportamento retrógrado e irracional e, muitas vezes, oculto, longe do conhecimento de outrem. É recorrente no conto a presença de vários fatores que comprovam o contexto de agressão no qual a personagem está inserida, isso é perceptível, por exemplo, quando ela relata que:

Durante anos, porém, os passos de meu marido ecoaram como a mais sombria ameaça. Eu queria fechar a porta, mas era por pânico. Meu Home chegava do bar, mais sequioso do que quando fora. Cumpria o fel de seu querer: me vergastava com socos e chutos.(OODM.p.70)

Percebe-se que a esposa vivia um clima de tensão e medo, uma vez que o regresso do seu marido para casa se configura em um momento de dor e sofrimento, pois era quando Venâncio, o esposo, agredia a mulher de forma violenta e covarde, deixando-a mais ferida do que quando havia saído para os bares. Além

de ser uma pessoa rude, a personagem masculina tinha se tornado também um indivíduo agressivo, que usava a brutalidade para resolver seus problemas conjugais.

A mulher de Venâncio denuncia essa violência quando descreve o perfil agressivo do marido: “Venâncio estava na violência como quem não sai do seu idioma. Eu estava no pranto como quem sustenta a sua própria raiz” (OODM. p70). Apesar de sofrer toda essa violência, a narradora-personagem busca desviar a atenção do leitor para outro evento - a sua incapacidade de gerar um filho. Esse fator condiciona a personagem ao esgotamento de sua existência, visto que não pode construir uma família. Agindo dessa forma, a mulher se culpa por sua infertilidade como forma de mascarar, possivelmente, a violência doméstica.

Discutindo essa questão, Chauí (1985, p. 35) define a violência doméstica da seguinte forma:

Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão. Em segundo lugar, como a acção que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a actividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência.

De acordo com as definições da autora, a violência está ligada às formas hierárquicas estabelecidas pelas relações de poder, visando a exploração e a opressão do indivíduo que está fora desses padrões. Outra questão que chama atenção de Chauí é a coisificação do sujeito, que configura a incapacidade de reação e defesa do oprimido que silencia diante da violência, mascarando sua inaptidão defensiva.

Na narrativa em estudo, as tentativas e as expectativas fracassadas da mulher de ter um filho acabam fazendo com que ela encontre uma justificativa para sua passividade diante das agressões, não encontrando explicações para formular uma defesa para si mesma.

Essa passividade é frequente até os dias de hoje pelos casais que vivem de aparências, como medo de denunciar seus cônjuges ou sofrerem mais retaliações, preferem sofrer calados ou encontrar uma justificativa plausível a sua indiferença diante da violência doméstica. Além disso, se sentem confortável em passar para a

sociedade uma condição que é condizente com os paradigmas da família, mas que na verdade difere da realidade de violência que é submetida. Almeida (1998) caracteriza a violência contra a mulher como:

Uma forma de tortura/violência peculiar, posto que ocorre em qualquer conjuntura política, ainda que fomentada por um conjunto de relações sociais antagônicas. É, simultaneamente, recusada pela sociedade, à medida que o nível de tolerância social em relação a esta forma de violência vai se reduzindo, e legitimada pela mesma, à proporção que o conjunto de relações sociais, que determinam um lugar subordinado para a mulher, não sofre mudanças substantivas.

Esse tipo de violência ocupa um espaço próprio e único vista a sua complexidade dentro de uma cadeia de agressão superior. Vale ressaltar que a violência contra a mulher não ocorre só no espaço doméstico, acontece também fora do lar, mas é no primeiro contexto que ela se manifesta em maior intensidade, dado o seu nível de mascaramento e ocultamento perante a sociedade.

Em função desse silêncio e ocultamento, Almeida (1998), afirma que a sociedade comumente apresenta uma posição contraditória em relação à violência, pois ora a rejeita, dependendo da forma e intensidade com que ela acontece, com requintes de crueldade, por exemplo, ora a confirma e a legitima ao reproduzir os padrões impostos às mulheres de submissão ao homem, como por exemplo, ao concordar que a mulher deve ser uma boa dona de casa, uma boa mãe e uma boa esposa, caso contrário sofrerá as consequências pelo fracasso de sua atuação doméstica.

Apesar dos tormentos e aflições, a personagem de Mia Couto parece acreditar em dias melhores, talvez por isso, não perde a esperança de que seu marido mude as atitudes agressivas e os dois possam viver felizes. Na verdade, trata-se de uma utopia da mulher, visto que a violência doméstica só se acentuava cada vez mais.

Assim, como tantas outras mulheres, a personagem-narradora idealizava dias melhores, e fantasiava situações e acontecimentos em sua vida que não correspondem com a realidade vivida, como por exemplo, no caso em que ela acredita estar grávida sem ao menos ter a confirmação, conforme fragmento: “Meu Filho, esse primeiro que haveria de nascer, estava morto dentro de mim. As minhas

mãos, ingênuas, ainda amparavam o ventre como se ele continuasse lá, enroscado grão de futuro.” (OODM; p.71).

A incapacidade de gerar um filho e dar descendência a seu marido é um dos pontos chave para explorar a questão dos devaneios presentes no texto, visto que a mulher, após a discussão com Venâncio, sai de casa em busca de ajuda para salvar o filho que ela dizia esperar, porém, isso não passa de fantasia de sua imaginação:

Quando despertei, me acreditei já morta, transferida para outro mundo. Morrer não me bastava: nesse depois ainda Venâncio me castigaria. Eu necessitava um outro jamais. Adivinhei as minhas próprias fúnebres cerimônias: Venâncio e mais uns tantos, entre vizinhos e parentes. Se o meu homem me chorasse, nessa ida, seria para melhor me esquecer” (OODM; p 71)

Em virtude de não ser capaz de dar um descendente a sua família e por ter saído de casa sem a permissão do marido, a mulher começa a imaginar o que aconteceria ao chegar a sua residência. Em função disso, a protagonista cogita que seria morta pelo seu companheiro por esses motivos e chega até mesmo a descrever como seria seu funeral e posicionamento de Venâncio, que segundo a imaginação da esposa, se sentira aliviado, pois assim estaria livre de sua companhia. Mais uma vez percebe-se a tentativa do silêncio da violência sofrida pela mulher, que tenta mascarar sua passividade quando defende a ideia de que sua morte traria alívio e sossego ao cônjuge.

Contudo, ao imaginar-se fora de sua realidade e transportar-se para outro mundo, a esposa manifesta seus desejos reprimidos. Com isso, é pertinente certificar que ela usava desses devaneios como meio de se distanciar da sua vivência angustiante.

Em “Os olhos dos mortos” é possível notar que a estória possui lacunas que deixam dúvidas ao leitor e que são implantadas pela própria narradora, na tentativa de suprimir os fatos. E, assim, fazendo com que tenhamos diferentes interpretações e conclusões a respeito da narrativa. Portanto, cabe ao leitor tirar suas próprias conclusões sobre o desenrolar dessa história, como se participasse diretamente dela. Isso lembra o narrador postulado por Adorno quando relata que o narrador é: “alguém que ergue uma cortina e o leitor deve participar do que acontece como se

estivesse presente em carne e osso. A subjetividade do narrador se firma na força que produz essa ilusão” (2003, p.60).

Mia Couto tem como característica particular de suas obras o aspecto de estimular nos leitores uma concepção de hesitação. Isso também ocorre em “Os Olhos dos Mortos”, visto que nesse conto podem ser observados alguns vazios e lacunas, que interrogam algumas de suas circunstâncias. Relacionando ainda sobre essa omissão de alguns elementos em narrativas Iser *apud* (FLORY, 1997, p. 34) esclarece: “à medida que os vazios indicam uma relação potencial, liberam o espaço das posições denotadas pelo texto para os atos de projeção (Vorstellungsakte) do leitor. Assim, quando tal se realiza, os vazios desaparecem”.

Perante esse posicionamento de Iser pode-se afirmar que os enigmas existentes ao longo do enredo têm como finalidade despertar o interesse do leitor e fazer com que este prossiga com a leitura, na tentativa de obter soluções para suas perguntas. A resolução das lacunas permite ainda que o leitor compreenda o texto e encontre soluções para suas dúvidas. Esse aspecto de omissão de alguns elementos é observado claramente no desfecho do conto quando expõe que:

Nessa dança, que bate o tambor é a mão da morte. Lição que aprendi: a vida é tão cheia de luz, que olhar é demasiado e ver é pouco. É por isso que fecham aos mortos. E é o que faço ao meu marido. Lhe fecho os olhos, agora que o seu sangue se espalha, avermelhando os lençóis.(2004.p72)

Pode-se perceber uma dubiedade em relação a morte de Venâncio, visto que não se sabe ao certo o motivo de sua morte, muito menos a autoria do crime, embora a esposa seja direta ao descrever o objeto do crime, não se pode atribuir a ela tal autoria. Assim, a morte é sugerida a partir da autorreflexão da mulher ao anunciar que deitou ao lado do marido morto.

A narrativa coloca o leitor diante de duas objecções sobre a causa da morte de Venâncio – primeira a de ele pode ter cometido suicídio por achar que a esposa estava grávida e em virtude da agressão teria perdido o filho; a segunda a de que a esposa o tenha assassinado enquanto ele dormia, já que a morte dele surge como vetor de libertação da mulher.

Contudo, não é necessário seguir apenas a linearidade dos fatos, é preciso fazer um retrospecto dos acontecimentos e reexaminá-los a fim de decifrar os questionamentos para tentar descobrir o que ocorreu, uma vez que a narrativa é

correspondente a um paradoxo no que diz respeito ao desfecho final. Nesse sentido, o autor moçambicano joga com o leitor, forçando-o a ir além do que está explícito na narrativa.

Assim, é sensato afirmar que ao redigir um texto, independente do gênero literário, o autor utiliza de elementos extratextuais e intertextuais, cuja intenção é estabelecer uma relação entre o leitor e o texto. Para isto, o autor precisa estar atento ao receptor de sua obra, a fim de que não altere a relação entre ele, o texto e o leitor. Para esta relação Wolfgang Iser estabelece que:

Os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é o resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém em um mundo existente, mas conquanto o ato seja intencional visa a algo que ainda não é acessível à consciência. (2002, p.107)

Com isso, pode-se dizer que os vazios da obra têm uma intencionalidade em fazer com que o leitor visualize e identifique os elementos característicos da narrativa, repassando assim as situações vivenciadas pelos protagonistas, tornando o que é ficção, muitas vezes, em realidade.

Outro aspecto que também pode ser analisado no conto, diz respeito à tentativa de mascaramento da violência sofrida pela personagem, visto que, ora ela revela, ora ela tenta omitir tais atitudes agressivas do marido. Um exemplo para essa circunstância é evidenciado na narrativa quando a protagonista declara que:

Meu Homem chegava do bar, mais sequioso do que quando fora. Cumpria o fel de seu querer: me vergastava com socos e chutos. No final, quem chorava era ele para que eu sentisse pena de suas mágoas. Eu era culpada por suas culpas. (2004.p.70).

Além de aturar a dor física e moral, é atribuída à mulher toda a responsabilidade desse ato violento, a personagem utiliza essa omissão como uma maneira de evitar maiores problemas com seu companheiro, pois mesmo ele estando errado, a mulher era quem se responsabilizava pelas suas atitudes. Para Almeida (1998), o que particulariza a violência doméstica é a existência de uma incessante luta “entre a tentativa de liberdade e de captura”, onde a mulher encontra-se em condições totalmente desiguais.

Assim, a narrativa nos coloca no cerne de um conflito, cuja predominância do medo, da submissão, do silêncio, da negação e da opressão corresponde a afirmação de que a mulher encontra-se, muitas vezes, em situações desiguais em relação ao homem. Esse fator corresponde, sobretudo, às relações de poder, de luta e resistência entre os gêneros. Portanto, situada nesse contexto de opressão, a mulher é passiva às situações de violência doméstica, quando silencia e oculta a agressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser perceptível a mudança do papel da mulher no que diz respeito ao contexto social contemporâneo, é preciso considerar que ainda há, como os casos abordados no conto “Os Olhos dos Mortos” de Mia Couto, a problemática da violência doméstica. Isso se deve, sobretudo, à omissão e às condições de inferioridade impostas à figura feminina.

Por tratar de assuntos vigentes atualmente, o conto é considerado moderno, e é utilizado como forma de denunciar a violação dos direitos da mulher e todo o sofrimento que angustia essas guerreiras. A literatura tem sido elemento fundamental para mostrar a dura realidade das dificuldades sociais, como a retratada no conto, por isso os autores tem procurado focalizar essas temáticas em suas obras.

A utilização de uma mulher como narradora e personagem principal da trama é aspecto fundamental para apresentar os fatos, visto que não há quem aborde melhor sobre o assunto, do que aquela que vivência e sente na pele os acontecimentos. Entretanto, mesmo com tantos motivos para não ser feliz, a personagem, que não tem nome, e isso representa as muitas mulheres que sofrem a violência doméstica, tenta encontrar uma saída para explicar sua submissão ao marido, e faz isso tentando silenciar e mascarar as atitudes agressivas do esposo, se culpando por não poder dar um descendente ao cônjuge, por isso, a única forma de justificar sua passividade diante de tipo de violência é culpar-se, como forma de fugir e recriar outras realidades.

O resultado dessa pesquisa aponta para outras reflexões mais detidas sobre a violência doméstica no Brasil, visto que os dados revelam ainda um alto índice de mulheres que sofrem constantemente violências físicas e morais. Nesse sentido, o conto “Os Olhos dos Mortos”, do moçambicano nos proporcionou pensar o papel que a mulher vem desempenhando na sociedade contemporânea, sobretudo no que diz respeito à igualdade de direito de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: **Notas de literatura I**. Tradução: DE ALMEIDA, Jorge M. B. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ALMEIDA, Suely Souza de. **Femicídio: algemas (in) visíveis do público-privado**. Rio de Janeiro: REVINTER, 1998.

ALVES, Cláudia. **Violência Doméstica**. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Coimbra: Fontes de Informação Sociológica, 2005.

BACHELARD, Gaston. **A poética do Devaneio**. São Paulo. Wmf martinsfontes. 2009.

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço: coleção tópicos**. São Paulo. Martins Fontes. 2008

BENJAMIN, Walter. O narrador considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Participando do Debate sobre Mulher e Violência. In **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar. 1985. pp. 25-62.

COUTO, Mia. Os olhos dos mortos. In: **O fia das missangas: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FLORY, Suely Fadul Villibor. **O leitor e o labirinto**. São Paulo: Arte de Ciência, 1997.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

MÉSZÁROS, István apud CISNE, Mirla e GURGEL, Telma. **Feminismo, Estado e políticas públicas: desafios em tempos neoliberais para a autonomia das mulheres.** SER Social, v.10, n 22, p. 69-96, jan/ jun 2008.